



DUAS DE LETRA - GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

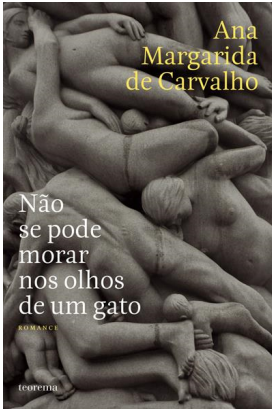
UNIVERSIDADE DE LISBOA

MARÇO 2018

GUIA DE LEITURA

NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO

ANA MARGARIDA DE CARVALHO



Biografia: Ana Margarida de Carvalho nasceu em Lisboa, é licenciada em Direito e, como jornalista, recebeu, entre outros, os prémios Gazeta Revelação do Clube de Jornalistas de Lisboa, o do Clube de Jornalistas do Porto e o da Casa de Imprensa. O seu primeiro romance, *Que Importa a Fúria do Mar*, venceu por unanimidade o Grande Prémio de Romance e Novela APE, em 2013. Em parceria com Sérgio Marques publicou, em 2015, o livro infanto-juvenil *A Arca do É. Não se pode morar nos olhos de um gato* venceu igualmente o prémio APE, relativo a 2016.

Sinopse de *Não se pode morar nos olhos de um gato*: Em finais do século XIX, já depois da abolição da escravatura, um tumbeiro clandestino naufraga ao largo do Brasil. Um grupo de naufragos atinge uma praia intermitente, que desaparece na maré cheia: um capataz, um escravo, um mísero criado, um padre, um estudante, uma fidalga e sua filha, um menino pretinho ainda a dar os primeiros passos... Todos são vencedores na morte, perdedores na vida. O mar, ao contrário dos seus antecedentes quotidianos, dá-lhes agora uma segunda oportunidade, duas vezes por noite, duas vezes por dia. Ao contrário do que pensam, não estão sós naquele cárcere, com os penhascos enquanto sentinelas, cercados de infinitos, entre o céu e o oceano. Trazem com eles todos os seus remorsos, todos os seus fantasmas. E mais difícil do que fazerem-se ao mar ou escalarem precipícios será ultrapassarem os preconceitos: os de raça, os de classe social, os de género, os de credo. Para sobreviverem, terão de se transformar num monstro funcional com muitos braços e muitas cabeças; serão tanto mais deuses de si próprios quanto mais se tornarem humanos e conseguirem um estado de graça a que poucos terão acesso: a capacidade de se colocarem na pele do outro.

O Livro do Apocalipse / Helena Vasconcelos (in Público, 21/05/2016)

São poucos os romances que conseguem arrebatá-lo leitor, logo na primeira página, arrastando-o para uma aventura dramática e alucinante, sem descanso nem refrigério. É o caso da mais recente obra de Ana Margarida de Carvalho que retira o seu título do Poema do Desamor, de Alexandre O'Neill ("Queixa-te coxa-te desnalga-te desalma-te/ Não se pode morar nos olhos de um gato/ Beija embainha grunhe geme/ Não se pode morar nos olhos de um gato"). É compreensível que seja O'Neill a funcionar como pedra de toque desta narrativa em que o virtuosismo da linguagem, o ritmo das palavras, a agilidade do discurso e as imagens surrealizantes se sucedem em catadupa, numa torrente imparável e avassaladora.

Tudo começa no troar das vagas impiedosas de um oceano bravio, num tumulto de tempestade, entre preces aflitas, brados e imprecações, pedidos insistentes, blasfémias e rogos, gritos e choros. Um naufrágio é coisa tormentosa, apodera-se de vidas, almas, coisas. Tudo é sugado na voragem do mar revoltado. Tudo, menos uma santa de madeira, uma fidalga e a filha, um capataz, um escravo, um criado, um padre, um estudante e um

menino preto, sobreviventes do navio negreiro, perdidos numa praia inóspita. “Os mortos ao menos não sonham, são sonhados”, escreve Ana Margarida de Carvalho, enquanto os corpos que habitavam o navio que agora se desfaz, pela “imperícia do piloto, no pouco tento, pouco resguardo, calafetagem feita à pressa, poupada nas bolsas dos contratadores”, se afundam, no túmulo líquido, entre espuma, algas, detritos.

Sob um céu impiedoso, num pedaço de areia que desaparece na maré alta, enclausurados por penhascos a pique sobre o mar, apenas com uma plataforma para se refugiarem, uma caverna e uma poça de água doce, os naufragos, tão diferentes entre si, com histórias privadas tão distintas, são confrontados uns com os outros, consigo próprios e com a natureza inclemente que lhes fornece o mínimo para sobreviverem e o máximo para perecerem.

Cada personagem, arrastada pelo seu destino funesto, presa das suas memórias e condicionada por uma situação desesperada, numa autêntica prisão de rocha, areia e mar, vai-se transformando numa dinâmica de extrema brutalidade, que nunca anda longe da loucura. É um universo fechado, concentracionário, sem leis, em que se agitam as pulsões mais desenfreadas, onde todos se vigiam e se debatem.

Tal como Dante ao percorrer os nove anéis do Inferno — poucos tormentos se assemelham aos descritos na Divina Comédia —, também os habitantes deste lugar de clausura e sacrifício, deste “purgatório” sem fim à vista, experimentam a violência física e psicológica, a cupidez, a licenciosidade mais abjecta, a ira e a heresia, os logros e as manipulações.

Misto de alegoria medieval, fantasmagoria apocalíptica, memória da História Trágico-Marítima, exercício estilístico e dramática análise ontológica, Não se Pode Morar nos Olhos de um Gato é um vigoroso e assombroso exercício, em que a linguagem mais brutal se alia ao lirismo mais iluminado, formando uma parábola sobre a resiliência do ser humano e a sua adaptação às condições mais adversas. Não se Pode Morar nos Olhos de um Gato, um livro sobre a impossibilidade, a derrocada da humanidade e a dificuldade em conciliar o inconciliável, será seguramente, e sem receio de errar, um dos livros mais extraordinários do ano e um marco na literatura portuguesa. Quem o lê não esquecerá; quem o não ler perderá uma obra ímpar na sua universalidade, no seu fulgor linguístico, na incomparável força das imagens e na sua intrínseca contemporaneidade no que diz respeito às questões essenciais: como sobreviver em situações limite?, como conviver com o “outro”, o “diferente”?, como resistir à tirania?, como vencer o desespero?, haverá salvação possível? A esta última questão, Ana Margarida de Carvalho responde que sim, ou, mais acertadamente, talvez. Ninguém escapa ileso do inferno, mesmo que se cumpra um derradeiro rito sacrificial.

Sete vidas nos olhos de um gato / Carlos Maria Bobone (in Observador, 16/06/2016)

Há um texto de António Sérgio em que ele, com maus modos mas bom olho, faz guerra ao poeta Junqueiro. Sérgio é cruel, junca insultos como “pitonisa histórica” a respeito

do poeta, mas o cerne do texto é mais benevolente do que aquilo que a linguagem faz crer. Guerra Junqueiro, explica o seu crítico, é um rector de génio, sim, mas capaz de sacrificar o sentido do que diz à forma como o diz. “Media a presa o búfalo selvagem” é uma frase tão mais musical quanto mais louca, dado que o búfalo – animal herbívoro – não costuma atacar presas.

Ana Margarida de Carvalho não escreve sobre presas de búfalos mas sobre olhos de gatos; em tudo o resto, a crítica de António Sérgio poderia manter-se. Ana Margarida de Carvalho já conseguiu um estilo interessante, forte, completo, vigoroso; mas de tão forte, enorme e vigoroso, são várias vezes em que o sentido se encolhe amedrontado e lhe presta vassalagem. Há formulações incompreensíveis – o que é a “garra alçada de uma eterna nubente” (p.40) ou ficar “a revolver-se como um útero de tecido barato” (p.61)?

Da mesma forma, também não sabíamos que os urubus e as formigas tinham vocação de Omo, para lavarem mais branco e à sua acção se compararem peles caucasianas, “brancas como ossos de urubus descarnados pelas formigas” (p.152). São os ossos de urubus especialmente brancos? Então porque não ossos de urubus descarnados, seja por formigas ou por dentes humanos rapaces? A propriedade branqueadora é característica que dentistas e lavadeiras de dinheiro deviam invejar às formigas? Então porque não ossos descarnados pelas formigas, sejam de urubus ou de galinhas? É a brancura exclusiva da mistura química entre a ganância das formigas e os tutanos de urubus? Então porque não brancas como ossos, simplesmente?

Ana Margarida de Carvalho tem uma imaginação forte para as metáforas, cadência de escritora, vocabulário decente, mas demasiado estilo. E se em nome da retórica se podem perdoar uns tropeções no catecismo (como em “despejar hóstias em bocas ávidas de absolvição”, quando a hóstia não serve para absolver, mas para quem já está absolvido); se até se perdoam umas confusões anatómicas que põem personagens a descaroçar lebres quando estas, caroço, só os supersticiosos é que acreditam que trazem; e se mesmo umas construções gramaticais bambas são perdoáveis (“a reter com um lenço pingos gordos de suor como escaramujos” significa que a retenção é feita à escaramujo, ou que a gordura é de um escaramujo? E “o escasso cabelo deixava antever” ou entrever a careca? Não é preciso ser grande pitonisa para adivinhar a careca a quem tem escasso cabelo...); se tudo isto é perdoável e redimido por um talento real e pouco comum, já é pena que a mestria linguística acabe por atabafar a história.

Osso, nervo e carne

A tempestade que motiva o enredo não é o que mais afoga as personagens. Elas submergem, incapazes de vir à tona debaixo do caudal linguístico que as devasta. O método agrada com certeza aos formalistas (não aos apumados do protocolo, mas àqueles que, nas categorias de Aristóteles, precedem a forma à matéria) porque, passe alguns deslizos já referidos e outros por referir (“sulcos sequiosos das tábuas” no meio de uma tempestade, por exemplo? Como se matará então a sede às pobres tábuas?), a autora tem queda para o romance.

Tem voz própria mas também sabe usar as dos outros, em contrapontos e acordes engraçados, que incluem expropriação assumida de Gil Vicente, arremedos de Lobo Antunes e umas colheradas de sarcasmo à Saramago; tem nervo, tem osso e não falta carne, sobretudo carne viva, tal a profusão de pancadaria e ferimentos que sarrabulha os protagonistas.

Há osso, nervo e carne, isso há, mas pouca história. A ideia fundadora é interessante: contar o quotidiano de uma comunidade de náufragos muito heterogénea, que por várias razões se encontrava a bordo de um navio negreiro. Um capataz de chicote leve na mão mas pesado nas costas, uma senhoreca e sua filha, um criado, um escravo, um cura e um estudante, todos com dramas que talvez o mar levasse. A tese central apropinqua o enredo de alguns contos iluministas: passa por mostrar como, fora dos seus ambientes, muitos dos dilemas que degredaram os náufragos são pouco importantes. Um homem que afinal é mulher não escandaliza ninguém com o espectáculo transformista, a rapariga dá à luz um bebé (embora a autora escreva uma bebé, bebé não tem feminino) sem que uma aliança no dedo autorize as relações esponsais e a preocupação da comunidade está em ajudar, não em condenar. Após o naufrágio, reduzidos ao essencial, os sobreviventes veriam o que interessava verdadeiramente.

Ora, acontece que estes dramas carecem, no livro, de verdadeira importância psicológica, porque a autora não acredita neles. A autora não julga verdadeiramente importante que o casamento tenha ou não abençoado a concepção do bebé, daí que nenhuma personagem que o julgasse se fundamente em razões reais. Se um padre se consagra por amor ao conforto e não por amor à doutrina, é normal que não se choque com o incumprimento do catecismo: afinal, ele não acredita verdadeiramente no catecismo.

Os problemas das personagens são, para a autora, fruto de preconceitos, não de opiniões, pelo que o dilema nos dramas nunca é verdadeiramente justo: pende já para um dos lados. Falta grandeza psicológica aos dramas por faltar crédito ao contraditório; nesse sentido, Ana Margarida de Carvalho toma as suas personagens por tolas. Seria interessante se, por exemplo, a rapariga revelasse à outra parte interessada – a mãe – que o avô da criança que nasce na praia é também o pai dela. Esse sim, seria um verdadeiro drama, porque haveria duas partes interessadas. O drama de uma criança que nasce fora do casamento também poderia ser real, se alguma das personagens acreditasse verdadeiramente na sua religião ou no seu código civil; mas como no mínimo são hipócritas e no máximo desinteressados, é natural que os não choque o descasque do verniz ideológico quando já toda a civilização está em escombros.

Há lodo neste cais

Como os problemas psicológicos são quase artificiais, a autora compensa-os com sofrimento físico. Há verdadeiro lodo no cais em que estes náufragos aportam. E se Ana Margarida de Carvalho não tem medo da dureza e se orienta bem nela, se o à-vontade com que entra no sofrimento é um dos pontos fortes do livro, se consegue dar uma

dimensão quase física às suas descrições da dor, também é verdade que o exagero lhe tira autenticidade. O livro fuça em toda a lama e todo o excremento, banha-se em todo o tipo de fluidos, seja ranho, seja vômito ou langonha, chafurda em toda a nojice e todo o lixo humano. Não negamos que lhe dá vigor, mas também lhe tira crédito.

Vejamos: Nunzio, o estudante, só urina as calças todas e assiste ao aborto de uma escrava; mas a mãe dele põe “manteiga de cacau na vagina” e ingere “esterco de cabra seco” para dissipar a libido do marido. Ora, dado que “não eram estes pequenos truques que desencorajavam o marido”, porque insiste ela neles?

Já o padre, nasce pela imolação do seu salvador, não um cordeiro mas um cão, de pele rasgada, “ossos triturados” e “esquartejado” pelos lobos. Também os seus conterrâneos perfuram, aferroam, espancam e abrem brechas no corpo de uma loba, só comparáveis à facada que ele, eminente presbítero, dá nas costas do amor paterno. Os pais de Teresa, a senhora com pretensões aristocratas, fazem os escravos vomitar, arrancam “fetos aos pedaços”, remexem na varíola, escorbuto, tifo, úlceras e ensinam a filha a detectar quem “enfiava por si acima a agulha dos ratos e do crochet para provocar um aborto”, a afogar escravos e a diluir uma “porção de sangue menstrual no café” do marido para o manter fiel.

Pior do que aquilo que infligem, só aquilo que as personagens sofrem: Maria Clara, o criado que afinal é criada, tem de tudo; desde inspecções intra-uterinas da parte de freiras, até afluentes de dor que vêm “misturado com um líquido branco e viscoso”, “cuspo misturado com vômito”, até introduzir “um tubérculo no útero para impedir a fecundação”, que infecta e lhe põe a “escorrer-lhe entre as pernas aquele líquido fétido”.

Com o escravo também há litradas de sangue, e nas personagens secundárias há “hálito a urina velha” e “ar de cio de gata velha” (não queremos saber como se adquire o primeiro nem a que corresponde o segundo), entre uns mais suaves “olhar de feto” ou “caldo do útero”. São expressões que impressionam, mas ao mesmo tempo demasiado fáceis – como usar música lamechas para provocar compaixão – para o estilo de Ana Margarida de Carvalho: não precisa, já tem uma escrita suficientemente forte para poder eximir as suas personagens de navegar sempre por líquidos pegajosos e violência gratuita.

Podem, assim, perder força não apenas estes momentos isolados, como os gestos mais significativos. A última cena, por exemplo, tem tudo aquilo que este livro podia ser. É crudelíssima, é duríssimo o golpe do “sobrevivente” naquele que atrasa o grupo, dura a traição, mas mais dura ainda a resistência. De facto, a impiedade do Homem prático abre-nos os olhos para a inutilidade da luta do ferido. De que vale o esforço para chegar ao outro lado, quando lá se vai somente continuar a viver? Nunzio, que ao mesmo tempo talvez não justificasse o protagonismo de uma última cena num romance em que não há propriamente personagem principal, personifica o sinistro destino do grupo, apostado em alcançar algo que não lhes trará nada de diferente.

Ana Margarida de Carvalho mostra, sobretudo aqui, que já tem poder para fazer com a escrita tudo o que quiser. O que quer fazer é que ainda não está ao nível daquilo que já pode.

Ana Margarida Carvalho - "Neste Romance sou uma espécie de Deus" (in Jornal de Letras, 15/04/2016)

Ana Margarida Carvalho lançou o seu segundo romance . Assim, conta ao JL, numa auto-entrevista, os pormenores sobre Não Se Pode Morar Nos Olhos de Um Gato, que se passa no Brasil, nos finais do século XIX.

Segunda ficção de quem, logo com a de estreia, Que Importa a Fúria do Mar, venceu o Grande Prémio de Romance e Novela da APE, Não Se Pode Morar Nos Olhos de Um Gato (D.Quixote) chega para a semana às livrarias. Licenciada em Direito, da redação da VISÃO desde o início, o JL pediu à autora, e ela aceitou, que retomasse uma tradição deste jornal, em que durante anos o principais escritores, também jornalistas, se auto-entrevistaram, a propósito dos seus novos livros mas não só. É o que aqui acontece.

Jornal de Letras - Porque é que escreveste este livro? Podemos tratar-nos por tu...

Ana Margarida Carvalho - Preferia que não, para mantermos o tom de distanciamento profissional e não criar a ilusão de uma falsa intimidade.

Não lhe parece um grande atrevimento da sua parte escrever um livro passado num continente que não é o seu, num século que não lhe pertence, o XIX, ainda por cima abordando um tema tão delicado como a escravatura ou a religião?

Talvez. Outros fá-lo-iam certamente muito melhor. Em relação a esses o que eu sinto não é inveja, mas um embaraço que me tolhe... Ainda assim, posso dizer que a verdade não me interessa grande coisa. Como dizia o velho Aristóteles só a verosimilhança serve ao drama. Só a ficção tem de fazer sentido. A vida, já se sabe, não tem sentido nenhum. E eu neste romance sou uma espécie de Deus, criei o meu próprio universo, só espero que ele seja coerente com os parâmetros que eu própria defini... Mas se a realidade está também ela tão cheia de absurdos, achei que mais verosímil que este deus, que sou eu própria, também criasse o seus próprios absurdos...

Não receia que pelo facto de ter colocado uma santa a falar durante todo o primeiro capítulo lhe apareça algum leitor a dizer «as santas não falam assim»?

Sim, de certo modo. Como na história de Woody Allen, se não estou em erro, em que um produtor recusa um guião dizendo ‘ah os ETs não falam assim’... Aconteceu-me algo parecido em Que Importa a Fúria do Mar, quando uma leitora me perguntou porque é que eu maltratava tanto os animais no meu livro. E eu, que sou contra todas as formas de mau tratos a animais, até os maus tratos literários, neste livro escrevi uma advertência que diz «ao longo da escrita deste romance nenhum animal foi maltratado»...

Mas afinal Não se Pode Morar nos Olhos de Um Gato é um livro sobre quê?

Sobre alteridade. Sobre a dificuldade em nos colocarmos na pele daquele que está em posição desfavorável. Sobre a facilidade com que julgamos o outro com base na cor da pele, na aparência física e intelectual, na ascendência social – ou seja, julgamos o outro com base naquilo que somos. E isso nunca pode dar bons resultados. E depois acontecem imensas coisas.

Porque é que foi buscar um assunto de outros tempos?

Porque são tempos de agora. É o "car je est un autre", do Rimbaud, que também anda lá pela história, para quem o queira encontrar. Tenho mesmo uma firme crença de que a melhor definição para "pessoa de esquerda" que até agora encontrei é aquela que consegue colocar-se na pele do mais fraco. Por exemplo, perante as leis laborais mais, assumindo o eufemismo, flexíveis, uma pessoa de direita pensa "que sorte para o patrão que vai poder despedir ainda com mais facilidade", porque automaticamente se coloca no papel dele. Uma pessoa de esquerda, pensa "os trabalhadores mais vulneráveis estão tramados".

Às vezes, parece que não vai direta às questões e anda a rondar, sem lhes acertar em cheio? Não acha que testa demasiado a paciência dos leitores?

Porque isso não é uma vontade gratuita, pode ser um desespero de querer dizer uma coisa e não saber exatamente como e nunca me ocorrer a frase certa, e cai-se numa fuga, ou antes numa busca um pouco divagativa. Nem todos podemos ser José Cardosos Pires e tentá-lo não é mais do que um exercício. Ou uma espécie de epígonismo, mas também a verdade é que não pode ser Cardoso Pires quem quer: apenas quem consegue. É a tal maldição de que falava Eco, os leitores leem o que querem, os escritores escrevem o que podem.

E se os leitores lhe fugirem, desertarem, já cansados dessas divagações?

Pode acontecer. Mas tenho esperança de que alguns me acompanhem e até se sintonizem nas minhas referências que contaminam o romance. Como no livro anterior, as interpretações dos críticos e dos leitores até eram mais bem pensadas do que as minhas próprias. E isso foi uma felicidade para mim. Tenho sempre em mente que estou a escrever para pessoas muito melhores que eu, que consigam ir para além da literalidade, da aparência e vejam o lado de trás das frases. Se calhar, muitos leitores podem achar que as personagens estão mortas desde o princípio do livro e eu aceito isso.

Não pertence a tribos, nem faz parte de lóbis nem de clubes amiguistas...?

Tem toda a razão. Significa que posso ser um bom alvo para snipers mas muito irrelevante para as matilhas de haters. Seja como for, e como dizia o outro, eu não entraria num clube que me aceitasse como membro.

Foi importante para si ter ganho o prémio APE com o Que Importa a Fúria do Mar?

Foi. Fiquei muito lisonjeada, por se tratar de um dos mais prestigiados prémios literários portugueses, por ser ter sido dado por unanimidade por um conjunto admirável de jurados, ainda por cima académicos e escritores, pelos quais tenho o maior respeito e toda a consideração. E por ser a APE a instituição que é, com a história que tem, e também porque os prémios valem pelos autores que distinguiram. E a verdade é que quase todos os grandes escritores do século XX e XXI estão lá representados.

E isso não lhe subiu a auto-estima?

Não, de todo. Primeiro, porque também tenho a plena noção de que ganhar um prémio não é mais do que um conjunto de gostos que coincidiram em dada altura. Depois, porque tenho alguma repugnância pela vaidade, pela presunção, pela futilidade (ou por certo tipo de futilidade, enfim...). Tenho imensa dificuldade em levar as pessoas assim a sério - a mim ainda menos. E sou geralmente imune ao elogio. Se calhar, também fruto da (má) educação que recebi. Sempre que fazia qualquer coisa bem, era minha obrigação. Sempre que fazia alguma coisa mal, era uma tragédia.

Alguém a incentivou a escrever?

Não, nunca me disseram "escreve, escreve". Mas disseram-me várias vezes "lê, lê". E acredito muito que ler pode ser uma experiência vital, mais importante do que a maioria dos encontros que tivemos com pessoas reais são aqueles que tivemos com o capitão Ahab ou com o Hamlet .

Gostava que os seus livros fossem transformados em filmes?

Ainda bem que me faz essa pergunta. Sim, gostava. Sobretudo se fossem feitos pelo Mallick ou pelo Béla Tarr - que são realizadores nos antípodas um do outro. Mas já ficava contente se fizessem uma novela gráfica. Do que eu mais gostei em escrever um livro infantil, A arca do É, foi trabalhar com o ilustrador Sérgio Marques, e ver como ele punha em imagens as minhas ideias. Foi muito bom. Portanto, se alguém estiver a ler isto, fica lançado o apelo, pode comunicar comigo por mp...

Qual deles é que se prestava mais a uma adaptação?

Depende dos realizadores. Mas este último é mais difícil porque a história muda de perspectiva o tempo todo, como se houvesse uma lanterna sempre a mudar de mãos e apontar a face do outro protagonista. Ainda por cima a história conta-se por detrás dos olhos que veem.

Ficou contente com o resultado?

Por acaso, acho que fiz muitas cedências a mim própria. Pode ter sido benevolência, que nem sempre é uma boa atitude. Por exemplo, eu queria que o livro tivesse apenas dois capítulos, o primeiro e o último, a parte do meio seria um contínuo. Mas depois pensei que isso, ao longo de 300 páginas, se tornaria muito maçador. Portanto, sinto que os capítulos são um bocado fictícios, como as fronteiras dos países colonizados.

Tem algum tabú literário?

Assim à partida não. Há escritores que detestam a nota de rodapé, outros que não podem com o pretérito-mais-que-perfeito, outros embirram com a palavra tal... Eu aceito tudo, e gosto de sentir que tenho os recursos todos à minha disposição, não vá dar-se o caso de precisar de algum. E, de um ponto de vista puramente oportunista, não renego nada e bebo de todas as águas, desde que sejam potáveis. Claro que não me entendo bem com os pôr-do-sol da literatura. Acho que nunca vou escrever "paisagem luxuriante", ou "águas cristalinas", ou "bases fundamentais", ou "horizontes longínquos", ou chamar à neve "manto branco", ou ao silêncio "sepulcral". São os lugares comuns, pré-fabricados da escrita, uma espécie de estações de serviço, sítios de passagem, onde na realidade nunca se fica. Palavras incestuosamente ligadas a adjetivos, que de tão usados, dizia Sophia, e tão repetidos parecem cuspo. Acho que nunca vou usar. E vai daí não sei...

Acha que um escritor é aquele que escreve bem?

Não. Acho que essa é uma definição terrível, e até é perigosa. Ao dizer-se isso, está a nivelar-se por baixo. Está, no fundo, a dizer-se que um escritor domina estes mecanismos da sintaxe, da ortografia, da gramática... Isso é o que fazem os bons alunos na escola. O escritor é o que transgride, que subverte, que baralha tudo. Os muito bons inventam uma nova voz. Os geniais até uma nova linguagem.

Então o que é que tem de ter um bom romancista?

Não sei exactamente. Mas "escrever bem" não está entre os ingredientes - senão o que seria da Clarice Lispector? Tem de ser alguém que se deslumbre com vulgaridades. Alguém que repare. Também não me parece mal que procure estar sempre sobre o efeito do assombro - o que neste mundo tão cheio de absurdos e maravilhamentos não será tão difícil. Só para aqueles que têm olhos de ver passar, como quem anda de carro e olha, pela janela do lado, a paisagem a ficar para trás, e acaba por apanhar muito pouco de tudo e nada de muito. Noutro dia vi uma definição boa de Philip Roth que dizia que o romancista é mais parecido com um cão do que com um erudito, porque tinha de ter alta sensibilidade a certos estímulos. E depois rematava: "good dog, good book".

Porque é que está sempre a falar de animais?

Mas não fui eu, foi o Philip Roth...

O que acha dessa conversa da literatura feminina?

Acho isso mesmo: uma conversa...

Essa sua irritante mania de dizer coisas inconvenientes sem pesar as consequências não lhe traz dissabores?

Traz. O tempo inteiro. Mas custa-me mais não dizer do que sofrer as consequências. Fui vítima de uma péssima educação pós-25 de Abril, em que sempre me disseram diz, fala,

se achas que está mal, protesta, não te importes com o que os outros pensam... Agora, com esta idade já não vou a tempo de mudar...

Gosta de falar de si?

Não, detesto.

Então porque estamos a fazer isto?

Porque o Zé Carlos me pediu e é das poucas pessoas a quem eu nunca consigo dizer não. Além do mais, completa agora 50 anos de carreira...

Escreve poucos diálogos, porquê?

Para já, porque todo o livro se conta por dentro do pensamento dos protagonistas, que como se sabe, anda em círculos, se interrompe, suspende e volta atrás. E depois porque acho que não tenho muito jeito, como se pode verificar pelo exemplo presente.

Onde é que se inspira?

Não acredito que me esteja a fazer essa pergunta!?!

Gosta mais de Lobo Antunes ou de Saramago?

Não me faça perguntas difíceis...

Do Chico ou do Caetano?

Hum... sinto-me mais do 'time' do Chico...

Do Tolstoi ou do Dostoiévski?

Oh...